



Lucas Murça Kitamura

CURSO – DIREITO/USP

Ele pensava em fazer Engenharia. Mudou de ideia e formou-se na São Francisco.

Lucas Murça Kitamura entrou no curso de Direito da USP – a São Francisco – em 2014, e trabalha atualmente na área de Contencioso Cível. Nesta entrevista, ele relata como foi sua formação no Ensino Médio e na faculdade, e dá muitas informações importantes sobre as atividades dos advogados e suas possibilidades na carreira.

JC – Fale sobre sua escolha do Direito como carreira.

Lucas – Mais novo eu cogitava fazer alguma coisa para o lado de Exatas, para Engenharia. Depois fui me encaminhando para outros lados. Cheguei a pensar em Letras e Linguística, mas acabei ficando com Direito.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Não. Prestei a Fuvest e o Enem, pelo qual passei na UFMG e na UnB. Mas nem cheguei a fazer matrícula.

Sua opção era a São Francisco?

Era, inclusive para ficar em São Paulo.

Você entrou no Etapa quando?

Entrei no Ensino Médio, em 2011, porque eu e meus pais queríamos um ensino mais forte.

Você se adaptou facilmente ao Etapa?

Eu tomei um pequeno susto nas primeiras provas. E nem era nada difícil, tipo regra de três, mas eu estava nervoso e na hora travei. Fora isso, foi razoavelmente tranquilo.

Você fez alguma atividade extracurricular no colégio?

Fazia várias. Frequentava assiduamente o Clube de Cinema, as Olimpíadas de Linguística e, uma vez ou outra, os Estudos Narrativos e o Clube de Leitura.

No 3º ano, em sua preparação para o vestibular, você fez alguma mudança em sua rotina de estudos?

Não alterei a minha rotina do 2º para o 3º ano, exceto pela mudança do período no Etapa e o aumento da carga horária.

Chegou a pensar na possibilidade de não entrar direto do colégio na São Francisco?

Eu estava confiante em passar no vestibular. Já no ano anterior tinha ido bem como treineiro.

Como foi seu início na São Francisco?

A adaptação mais complicada acabou sendo na forma de estudo, que envolve seminários e leitura de textos.

Em linhas gerais, que disciplinas você teve em cada ano da faculdade?

No 1º ano o foco é em Teoria Geral e algumas matérias um pouco mais específicas: Direito Constitucional, um pouco de Filosofia do Direito e Direito Romano. Conforme avançam os anos, as matérias vão ficando mais específicas. Se no primeiro momento você tem Teoria Geral, no segundo vai aprendendo Teoria do Direito Penal e Direito Civil. Nos últimos anos entram matérias bem mais específicas, como Propriedade Intelectual e Direito do Autor.

ENTREVISTA

Carreira – Direito

1

CONTO

Gennaro – Álvares de Azevedo

3

ESPECIAL

Alunos do Etapa são premiados na maior competição de Matemática do mundo

6

ESPECIAL

Aluno do Etapa é premiado na maior competição de Biologia do mundo

7

ESPECIAL

Aluna do Etapa é premiada em competição de Neurociências

8

MAS, MÁIS, MAIS [E OUTRAS QUESTÕES GRAMATICAIS]

Distância

8

E as optativas?

A grade, em boa parte, é composta por optativas. São 244 créditos, ou seja, 244 horas-aula. Na verdade, quatro são da Tese de Láurea, o TCC, e os outros 240 dividem-se entre as matérias obrigatórias e as matérias optativas que você escolhe.

Você fez alguma matéria optativa fora da São Francisco?

Eu fiz apenas uma matéria fora da São Francisco, História Política, na FFLCH da USP.

Junto com a graduação você participou de alguma atividade extra? Curso de extensão, pesquisa, iniciação científica?

Eu fui membro da Academia de Letras da faculdade, a gente discutia arte, obras literárias, música e promovia eventos. Também fui membro, do 3º ano até o final da graduação, do Departamento Jurídico 11 de Agosto, que dá assistência judiciária gratuita à população carente de São Paulo. Como é um escritório de assistência judiciária, o departamento não recusa casos. Qualquer coisa que as pessoas levem, os alunos assumem. Desde acidente de carro, demandas trabalhistas, pedidos de pensão, inventários, problemas de IPTU, até regularização de imóveis. São casos muito diversos.

Professores orientam os alunos no Departamento Jurídico?

Não. O Departamento Jurídico é originalmente vinculado ao Centro Acadêmico. Ele conta com advogados orientadores ex-membros do Departamento Jurídico, que foram estagiários na sua época. Os atuais estagiários redigem alguma coisa e se têm alguma dúvida levam aos advogados orientadores, que corrigem a peça, se for necessário, e apresentam o processo para todos os efeitos legais.

Mais alguma atividade?

Fora isso, segui até o 2º ou 3º ano da faculdade com o curso de francês que havia iniciado no Etapa, e comecei a fazer japonês também, na Aliança Cultural Brasil-Japão.

Dos cinco anos na São Francisco, de qual você mais aproveitou e gostou?

Eu acho que o 4º ano teve uma boa combinação de matérias obrigatórias, das que eu gosto particularmente, com uma grade aberta o suficiente para você poder escolher algumas matérias de acordo com a área em que tem interesse. No 3º e no 4º ano você já superou em grande parte as aulas de Teoria Geral e está entrando em matérias específicas. E quanto mais avança a grade, mais optativas se tem em relação às obrigatórias. No final do curso, no último semestre, não tem obrigatórias, só tem optativas.

Você chegou a fazer estágio?

Do 4º ano para mais da metade do 5º ano eu fui estagiário no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Fiquei 21 meses. Do começo de 2017 a setembro de 2018. Trabalhava quatro horas por dia.

O que você fazia no Tribunal de Justiça?

Eu fui estagiário de juíza na 1ª Vara de Família do Fórum de Pinheiros. Auxiliava na redação de decisões e sentenças judiciais e fazia algumas pesquisas de assuntos que fossem um pouco mais controversos. Eu elaborava e depois a juíza revisava para assinar.

Qual é a importância do estágio?

Eu acho importante porque não existem matérias que ensinem como mexer num processo. Conhecimento prático mesmo. Saber qual site você tem que acessar para consultar seu processo, onde

você tem que ir para levar um certo documento e o que quer dizer determinado termo que não é muito usual. Esse tipo de conhecimento só se adquire mexendo no processo efetivamente.

Qual foi seu tema para a Tese de Láurea (TCC)?

Meu tema foi sobre o Estatuto da Pessoa com Deficiência, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – LBI. Você entrega o projeto no segundo semestre do 4º ano e depois um relatório parcial no primeiro semestre do 5º ano. A entrega final é no segundo semestre do ano de formatura.

Qual era sua maior preocupação no último ano da faculdade?

Definitivamente, a Tese de Láurea. Eu tenho alguma dificuldade com pesquisa e me organizei um pouco mal em relação aos cronogramas. Tive que correr bastante no período final. Não ficou perfeita, ficou razoável.

Você fez alguma preparação específica para o Exame da Ordem? Quando o prestou?

Eu fiz um cursinho e prestei a prova antecipadamente, no primeiro exame de 2018. Você pode prestar o Exame da Ordem no 5º ano sob a condição de que se forme no final do ano. Assim que se forma, você já está autorizado a pedir a inscrição na OAB.

Como é o exame?

A 1ª fase é uma prova de testes, 80 perguntas, e você precisa acertar 40. A 2ª fase é dissertativa. São quatro perguntas divididas em itens *a* e *b* que valem 4 de 10, e uma Redação de uma peça jurídica, que vale 6 de 10. A 1ª fase é a mesma para todo mundo, como na Fuvest. Na 2ª fase você escolhe uma área do Direito dentre algumas pré-definidas. As perguntas e a peça vão ser de acordo com a área que você escolheu. Eu prestei Direito Civil.

Depois de estagiar, o que você fez em termos profissionais?

Eu esperei terminar a faculdade para procurar uma vaga de advogado júnior. Fui contratado no começo de maio pelo escritório Urbano Vitalino. É um escritório original de Recife, o qual é muito grande, mas aqui em São Paulo ele é pequeno. Nós somos em quatro advogados no nosso setor.

Em que área você trabalha?

Estou no Contencioso Cível. Por Cível entende-se todo processo que envolva aspectos de relações privadas entre as pessoas, ou seja, aquilo que não envolva Estado, não envolva crime e não envolva imposto. Direito do consumidor, acidente de trânsito e demandas empresariais.

O que você faz no escritório?

Estou fazendo basicamente um pouco de serviço administrativo, como relatórios para os clientes, diligências externas e indo aos fóruns. Também faço pesquisa de jurisprudência e redijo peças para apresentar nos processos.

Quais são as áreas do Direito em que se pode atuar?

Você tem algumas grandes áreas e algumas áreas mais situacionais. Nas grandes áreas você tem o setor público. Juízes, magistrados – as grandes carreiras. Tem a Defensoria Pública, que é o advogado gratuito para as pessoas que não podem pagar. Tem o Ministério Público, os promotores que atuam em ações criminais,

ações coletivas, esse tipo de coisa. E os Procuradores do Estado, os advogados que representam o estado. Essas são as grandes carreiras na vida forense. Outras opções são a carreira de delegado e outras carreiras na polícia que exigem o grau de bacharel em Direito. Você tem também a carreira de diplomacia. Muitos diplomatas são oriundos do Direito em vez de Relações Internacionais.

E fora do setor público?

Pelo lado privado, tem o advogado individual ou de escritório que defende os clientes, etc. E tem, claro, o lado acadêmico, os professores e os juristas, que são estudiosos do Direito. A maior parte deles dão aulas e eventualmente podem dar um parecer sobre algum assunto controverso que seja de sua experiência. No mais, escrever livros, dissertações, orientar alunos, enfim, o que mais é normal na vida acadêmica. E há opções no jurídico interno de empresas.

Como está a questão emprego?

Na maior parte, meus colegas estão empregados como advogados. Para fazer todas as carreiras que mencionei é preciso prestar concurso público. E nas carreiras mais importantes é preciso ter três anos de prática jurídica. Tenho colegas que hoje estão estudando por conta própria e buscando um concurso intermediário – por exemplo, de assistente de promotoria, que não exige a mesma prática, mas vai dar a prática para algum concurso mais exigente no futuro. Ou isso ou estão advogando, seja por conta própria ou em escritório, enquanto estudam para os concursos.

Os demais estão realmente advogando ou trabalhando no jurídico de empresas.

Quais são as recordações que você tem da época do colégio?

Eu lembro bastante de meus professores, alguns deles foram memoráveis para mim. E das pessoas que conheci aqui, meus colegas, meus amigos.

Que dica você dá a quem está no 3º ano e vai prestar vestibular no fim do ano?

Eu tenho uma dica para dar: mantenha-se calmo. Você está há anos se preparando, estudou as matérias, cobriu todo o currículo exigido no vestibular. Por isso, vá confiante de que você tem conhecimento para fazer a prova.

E para quem está na dúvida sobre a carreira, o que você pode dizer?

Quem está na dúvida às vezes não tem jeito senão arriscar. E não é nenhum problema. A gente seleciona a opção do vestibular com 17 anos e pode acabar mudando de ideia depois. Do Direito, muitas pessoas vão para Economia, Letras e História.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos atuais?

Pode existir o medo de estar dando um salto para uma coisa completamente diferente que é a faculdade, mas geralmente as pessoas estão preparadas para chegar lá e adaptar-se. Enquanto isso, aproveite bem o seu Ensino Médio até o fim.

CONTO

Gennaro Álvares de Azevedo

*Meurs ou tue...**
(Corneille)

Gennaro, dormes, ou embebes-te no sabor do último trago do vinho, da última fumaça do teu cachimbo?
– Não: quando contavas tua história, lembrava-me uma folha da vida, folha seca e avermelhada como as do outono, e que o vento varreu.

– Uma história?

– Sim: é uma das minhas histórias. Sabes, Bertram, eu sou pintor... É uma lembrança triste essa que vou revelar, porque é a história de um velho e de duas mulheres, belas como duas visões de luz.

Godofredo Walsh era um desses velhos sublimes, em cujas cabeças as câs¹ semelham o diadema prateado do gênio. Velho já, casara em segundas núpcias com uma beleza de vinte anos. Godofredo era pintor: diziam uns que este casamento fora um amor artístico por aquela beleza romana², como que feita ao molde das belezas antigas; outros criam-no compaixão pela pobre moça que vivia de servir de modelo. O fato é que ele a queria

como filha – como Laura, a filha única de seu primeiro casamento – Laura, corada como uma rosa e loira como um anjo.

Eu era nesse tempo moço: era aprendiz de pintura em casa de Godofredo. Eu era lindo então; que trinta anos lá vão, que ainda os cabelos e as faces me não haviam desbotado como nesses longos quarenta e dois anos de vida! Eu era aquele tipo de mancebo ainda puro do ressumbrar³ infantil, pensativo e melancólico como Rafael se retratou, no quadro da galeria Barberini. Eu tinha quase a idade da mulher do mestre. Nauza tinha vinte e eu tinha dezoito anos.

Amei-a; mas meu amor era puro como meus sonhos de dezoito anos. Nauza também me amava: era um sentir tão puro! era uma emoção solitária e perfumosa como as primaveras cheias de flores e de brisas que nos embalavam aos céus da Itália.

Como eu o disse, o mestre tinha uma filha chamada Laura. Era uma moça pálida, de cabelos castanhos e olhos azulados; sua tez era branca, só às vezes, quando o pejo⁴ a incendia, duas rosas lhe avermelhavam a face e se lhe destacavam no fundo de mármore. Laura parecia querer-me como a um irmão. Seus risos, seus beijos de criança de quinze anos eram só para mim. À noite, quando eu ia deitar-me, ao passar pelo corredor escuro com minha lâmpada, uma sombra me apagava a luz e um beijo me pousava nas faces, nas trevas.

(*) Tradução: “Morre ou mata...”